

BROTINHO

Por volta de 1960, minha família morava à rua José Bonifácio, uma estreita rua dos tempos coloniais do centro velho da Franca do Imperador, ainda recoberta com paralelepípedos que um prefeito besta revestiu depois com asfalto. A rua era constantemente tomada pelos trabalhadores das duas fábricas de calçados que existiam ali, do Valentim e do Hugo Betarello. Meu mundo era pequeno, se resumia ao perímetro que incluía caminhar por alguns quarteirões até a escola estadual Coronel Francisco Martins onde fazia o curso primário e aprendia a ler, comprar banana na venda dos Kellner ou doce de leite “Araxá” no empório do Felão, ir à missa na igreja matriz, às matinês do cine Odeon e à sede da AEC, que tinha biblioteca e sala de jogos de xadrez, matinês de carnaval e cineminha às quartas-feiras à noite. Sem falar nos jogos da Francana nas tardes de domingo ou de basquete na quadra descoberta do IETC.

Podíamos brincar na rua, pois quase não havia carros no final dos anos 50 e início dos 60, mas usávamos muito o quintal, ladeado pela casa do Geraldo Bombicino, também industrial de calçados e pelo estacionamento do Hotel Cacique, que resiste até hoje ao avanço dos tempos. Eu já gostava de música, ouvia muito rádio, onde despontava Elvis Presley com seu rock and roll. Era um tempo onde chamar alguém de “brotinho” significava que era uma garotinha adolescente, menina ainda, provável que o termo “pizza brotinho” tenha algo a ver com isso, vou perguntar ao escritor Sérgio Rodrigues (cujos livros recomendo) para confirmar.

Na mesma quadra, mas voltada para a rua Ouvidor Freire, havia uma casa moderna (a gente dizia “tipo americana”) onde morava a família de um comerciante descendente de árabes, proprietário da loja de roupas chamada “Franca Chic”, que ficava ali perto no centro. Nesta casa, morava a “Brotinho”, apelido de uma menina loira que lembrava a Glória, personagem das histórias da Luluzinha e do Bolinha. Ela era do tipo angelical, estudava no colégio das freiras e não sei como pegou o apelido de “Brotinho”, como todos a conheciam, tanto que nunca soube seu verdadeiro nome, apenas o sobrenome Rached, o mesmo do seu primo Robertinho, que era da minha idade e também morava ali perto.

Se nunca soube o verdadeiro nome da “Brotinho”, também não sei o que aconteceu com ela e seus cachos dourados, desapareceu no mundo, vasto mundo, onde cada vez existe menos poesia e leitores de Drummond, soluções e gente que se chama Raimundo. Mas ficou na memória daqueles tempos ingênuos de rockabilly (saudades do Chuck Berry e sua guitarra mágica), milk shake na Colegial, bambolê, futebol de botão, bola de gude, meias $\frac{3}{4}$ e saias plissadas.

Mauro Ferreira é arquiteto